



Voz do Santuário

ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

PROPRIEDADE DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DAS PRECES • TELEFONE 912 DE GALIZES : : : : DIRECTOR E EDITOR PADRE MÁRIO OLIVEIRA DE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ALDEIA DAS DEZ • OLIVEIRA DO HOSPITAL • COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA DE COIMBRA, L.D.A. LARGO DE S. SALVADOR, 1-3 • COIMBRA • TEL

A
Biblioteca Geral da Universidade
de Coimbra
COIMBRA

QUANDO E ONDE APARECEU Nossa Senhora das Preces

Para quem não conhece a história da Senhora das Preces, é um tanto ou quanto intrigante o facto de se fazer a festa no lugar de Vale de Maceira e no alto do Colcurinho estar um cruzeiro com a inscrição: apareceu aqui Nossa Senhora das Preces.

Então apareceu num lado e faz-se a festa noutro? Apareceu lá em cima e faz-se a festa cá em baixo?

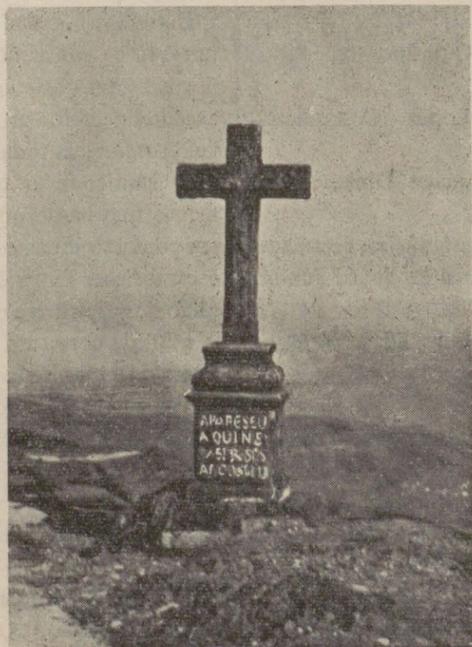
De facto é assim mesmo.

A Nossa Senhora apareceu lá em cima no alto do Colcurinho. O documento mais antigo que confirma esta certeza é a dita inscrição da pedra que certamente serviu de base ao primeiro cruzeiro que existiu no Colcurinho.

Quando em 1925 foi restaurado o cruzeiro, tal como hoje se encontra, a pedra foi substituída mas ainda hoje lá se encontra ao lado.

O local onde apareceu Nossa Senhora, não é bem no sítio onde está o cruzeiro, nem onde está a capela, «porque é mais abaixo alguma coizinha».

«No ano de 1762 o P.º Paulo da Fonseca, vendo que no cabeço do Colcurinho havia um bordo da primeira capela que Nossa Senhora das Preces teve e como ia a finalizar a tradição antiga aonde Nossa



Senhora tinha aparecido, mandou fazer uma capela bem no cume do monte para que servisse de memória a todos os viventes que naquele sítio tinha aparecido Nossa Senhora das Preces.

Porém aquele lugar aonde agora se vê não é o lugar onde a Senhora apareceu, porque é mais abaixo alguma coizinha».

O P.º Paulo da Fonseca construiu a capela utilizando a pedra da primeira capela (que grande mal fizeram em destruir uma memória antiga).

Baseados na informação deste documento antigo, por várias vezes procuramos localizar o sítio.

Quando em 1950 se procedeu a ampliação da capela do Colcurinho, conseguimos encontrar o local da primitiva capela, onde de facto ainda existiam vestígios de uma parede.

(Continua na página quatro)

A CONFISSÃO

O sacramento da penitência, ou confissão, compreende actos do penitente e o juízo do sacerdote.

Os actos do penitente exprimem os seus sentimentos interiores e permitem ao sacerdote apreciá-los.

A contribuição é o arrependimento sincero de ter ofendido a Deus, com a firme resolução de não mais O ofender no futuro.

A confissão é a declaração dos pecados feita a um sacerdote, que tenha jurisdição, com a

finalidade de receber dele o perdão mediante a absolvição.

Devem-se confessar todos os pecados mortais que não tenham sido ainda submetidos à Igreja, indicando a sua natureza, o número e as circunstâncias que mudaram e espécie.

A absolvição é uma sentença de perdão que o sacerdote pronuncia em nome de Jesus Cristo depois de ter apreciado as disposições do penitente.

A satisfação é a reparação que o penitente deve oferecer a

Deus pelos seus pecados. O cumprimento de penitência imposta pelo sacerdote não é mais que um sinal; um princípio de satisfação. O seu valor está no facto de fazer parte do sacramento.

A confissão das faltas veniais não é obrigatória constitui no entanto, um dos maiores meios de progresso na vida cristã.

Além do sacramento de Penitência todos os pecados, mesmo os mortais, podem ficar perdoados pelo acto de contrição perfeito, acompanhado do propósito de na primeira ocasião se confessarem. É de recomendar vivamente que, quando se tem a desgraça de se cair em qualquer pecado mortal, se faça logo o acto de contrição perfeito para se obter imediatamente o estado de graça.

Contudo, por disposição da Igreja, não basta o acto de contrição perfeito para se poder comunhar, mas exige-se sempre a confissão sacramental. Nalgumas circunstâncias especiais a Igreja admite que se possa comunhar em estado de graça, sem se ir ao sacramento de penitência previamente. Atendendo às circunstâncias actuais de desenvolvimento de vida cristã eucarística e da penúria do clero é fácil que a Igreja alargue este concessão.

(Continua na página quatro)

(Continua na página 3)

Recordando O ANTIGO

Eu quero muito à *Voz do Santuário*. Não lhe dei o ser, mas assisti praticamente ao seu nascimento.

Por amizade para com ela tenho-a aconchegado, de quando em quando, com peças de vestuário, muito simples e pobre. Não tanto como ela necessita, ou como necessita quem a sustenta, sabe Deus com que dificuldades, mas consoante as minhas posses, e sobretudo consoante a disposição de momento.

Não me refiro a recursos monetários, pois ela vai conseguindo o pão de cada dia. Refiro-me a original que ela, como ave dócil à vontade de quem a orienta, vai lançar nos corações de quem na lê.

Escrever nem sempre é fácil. Depende muito do que se diz e do modo como se diz.

Há quem se glorie de falar e escrever com facilidade. E gloriando-se, pensa e exprime-se assim: Numa conversa que tive, eu disse, disse, disse, e não me cansava de dizer.

Pois há que fale, fale, fale, ou escreva, escreva, e no fim de contas não diz nada. Dizer

é exprimir a verdade com proveito autêntico de quem ouve.

Isto para dizer que uma vez ou outra, tenho levado à *Voz do Santuário*, pequeninas dádivas de doutrina, com grande pena de não dar mais, nem melhor.

O Padre Mário Brito passou pelo seminário onde foi educado, em tempos já um tanto remotos.

BILHETE DE IDENTIDADE PARA CASAMENTOS

Avisam-se todos os interessados, e muito especialmente as interessadas, de que devem procurar tirar o bilhete de identidade antes de se tratar dos documentos para o casamento, sobre tudo se os rapazes são empregados em Lisboa, ou em qualquer outra parte.

A maior parte dos processos para casamento têm sido organizados ao abrigo do artigo 396 do Código do Registo Civil, em virtude de normalmente os nubentes ganharem até há pouco,

menos de 1.500\$00 por mês.

Neste caso só eram obrigados a apresentar as cédulas pessoais.

Como o nível de vida tem subido, os ordenados são superiores a 1.500\$00 mensais.

Neste caso o processo é organizado de harmonia com o artigo 169 do Código do Registo Civil. Neste caso não tem redução de emolumentos e é obrigatória a apresentação de bilhetes de identidade antes da passagem do Certificado para o casamento.

Aldeia das Dez



Tocar a reunir
amigos e donativos
para a compra de um
relógio para a torre da
igreja.

A torre da igreja de Aldeia das Dez é a única destas redondezas que não tem relógio, ou melhor, tem mas não dá horas.

Velho, cansado pelos trabalhos de muitos anos, alquebrado pela idade e pela doença da velhice, já não aguenta o peso da pêndula, já não bate no sino, já não dá horas — ele que tantas deu em toda a sua longa vida.

Vieram artistas vê-lo, receberam concertos, aviaram-se facturas que importaram em alguns contos, mas o pobre não melhorou. O mal era de morte e morreu mesmo.

Casamentos — No dia 20 de Fevereiro realizaram-se na igreja paroquial os casamentos de: João Lourenço Mendes, natural do lugar do Chão Sobral e há vários anos residente em Vila Franca de Xira, com a menina Celeste da Conceição Silva, também natural do lugar do Chão Sobral, filha do sr. Agostinho da Silva e de Rita Clara, já falecida.

José Luís Freire da Cruz, do lugar do Avelar, filho de José da Cruz e de Maria José Freire, com a menina Maria Luisa Mendes Alves, também do Avelar, filha de José Alves e de Benvinda da Piedade Mendes.

Joaquim da Conceição Dias, do lugar do Porto de Mós, filho de João Dias e de Guilhermina da Conceição, com a menina Maria Helena dos Santos Alves, também do Porto de Mós, filha de Belarmino Alves e de

Um especialista de Braga recebeu um relógio novo, por que este tinha os dias contados, — e teve mesmo.

Pois é um relógio novo que queremos comprar para a torre da nossa igreja paroquial e queremos que não seja inferior aos vizinhos.

A torre de Aldeia está num local maravilhoso para se fazer ouvir ao longe e ao largo.

Desejamos, pedimos, queremos que todos os filhos de Aldeia, todos os amigos desta linda terra que lhes serviu de berço, ou a ela ligados por laços de sangue, de família ou de amizade marquem presença com seus generosos donativos.

Um relógio novo, talvez eléctrico, ainda vai para cima de 20 contos.

Não se assustem, porque a torre é grande, e é feita de muitas pedras. Assim os 20 contos serão feitos com as vossas muitas generosidades.

Amigos, vamos a isto. Para a festa de S. Bartolomeu, se não for antes, queremos fazer a inauguração e será se todos quiserem ajudar.

O sr. Roberto Armando de Moura abriu a subscrição com 500\$00.

Só faltam 19 contos e meio.

Alice dos Santos Cosme, já falecida.

No mesmo dia 20, no lugar da Gramaça, realizou-se o casamento de Ernesto Lopes, do lugar de Val Torno, freguesia de Pomes, com a menina Helena Tomaz, natural e residente na Gramaça, filha de Alfredo Tomaz, já falecido e de Maria Francisca.

Falecimento — Vítima de um grave desastre de viação numa estrada perto da cidade da Guarda, faleceu no dia 14 de Fevereiro, José Lourenço Marques, solteiro, de 24 anos de idade, natural do lugar do Avelar, filho de António Marques e de Madalena dos Anjos Lourenço.

O seu funeral realizou-se no dia 16 para o cemitério de Aldeia das Dez.

MINHAS SENHORAS

O frio ainda continua

— continuará por alguns meses —

e no Patronato de Aldeia

fazem-se todos os trabalhos em lâ
em máquina de tricotar.

A CEIA DO SENHOR

«ELE ESTÁ NO MEIO DE NÓS»

Há na Missa um rito que pode ajudar a tomar consciência do sentido profundo da Assembleia Eucarística: é o rito de entrada.

Consta ele dos seguintes elementos:

- Entrada do Celebrante,
- Saudação do Celebrante,
- Rito Penitencial,
- Hino de louvor: «Glória a Deus...»,
- Tempo de oração.

a) *Entrada do Celebrante e Cântico*

O texto citado no princípio, tirado da Introdução ao Missal, diz que «na Missa ou Ceia do Senhor o povo de Deus é convocado para a reunião, sob a presidência do Sacerdote». E noutro lugar diz-se que «a celebração da Missa é acção de Cristo e do povo de Deus hierarquica-

mente organizado» (Introd. ao Missal, n.º 1).

Quando se diz assembleia não se diz multidão, mas diz-se povo «hierarquicamente organizado», que quer dizer, povo que é como um corpo, onde há diversos membros: nem todos têm a mesma função, embora pertençam todos ao mesmo corpo.

O Sacerdote é no meio da assembleia o sinal de Cristo, como *cabeça da Igreja*. É ele que dá à assembleia a sua unidade. Neste sentido, em que é a sua presença que faz que todos tenham um centro em volta do qual se sintam organizados. É isto que quer dizer *presidir* ou ser *presidente*. Não se trata tanto de uma honra, mas de um serviço, o serviço da presidência; tomar o Senhor presente como cabeça da Igreja, ali manifestada na assembleia.

A entrada do sacerdote é, por isso, uma acção que merece o seu relevo. É preferível que entre pelo centro da assembleia, partindo do fundo; é uma ma-

neira de se fazer sentir que então alguma coisa começa: começa a reunião. A entrada do sacerdote — presidente é mais um sinal de Cristo presente no meio da assembleia.

O sacerdote pode ir acompanhado de *ministrantes*:

Entre o sacerdote e assembleia é normal que haja pessoas encarregadas dos vários serviços na celebração; são os *ministrantes*: Os *leitores* das leituras, o cantor do salmo responsorial, os *acólitos* para os serviços sobretudo do altar, as pessoas que ajudam na organização da *assembleia* e na *recolha das ofertas*, o *grupo coral*, etc. Uma assembleia litúrgica é sinal do corpo vivo da Igreja.

Alguns destes ministrantes podem tomar parte no cortejo da entrada, sobretudo os leitores, o cantor e os acólitos. Destes um poderá levar a cruz, dois ou mais as velas, coisas que servirão depois na celebração. Também um outro poderá levar o Leccionário, o livro da Palavra de Deus, erguido diante dos olhos; depois coloca-o ou sobre o altar (onde o leitor o irá buscar), ou já no próprio ambão ou estante, em ordem à leitura. Outros ministrantes, leitores, cantor do salmo responsorial, etc., poderão tomar parte no cortejo de entrada.

Entretanto, a assembleia canta um *cântico processional*. É mais normal que este cântico seja executado pelo grupo coral e pela assembleia toda em diálogo. Este cântico é o primeiro elemento que há-de pôr as pessoas em contacto umas com as outras e estabelecer entre elas a comunhão dos espíritos e dos corações. À falta de coro, um solista pode alternar o cântico com a assembleia; mas não é normal que o coro substitua a assembleia.

b) *Saudação do Presidente*

Uma coisa pequena, mas que merece atenção. O presidente saúda a assembleia e a assembleia responde ao presidente. É o princípio do encontro. Convém que a reunião se abra por uma saudação. Mas esta saudação não é somente um cumprimento, como um «Bom dia». É uma palavra da Bíblia que, já por si, é uma profissão de fé na presença do Senhor no meio de nós, Ele que disse: «Onde dois ou três estiverem reunidos em Meu Nome, Eu estou no meio deles». Todos responde-

Assinaturas pagas no mês de Fevereiro

Com 15\$00 pagaram os Senhores:

Maximino de Jesus Martins, S. Sebastião da Feira.

José Mendes Dias, Chão Sobral.

Adelino Marques, Parente — Val d'Água.

António José de Figueiredo, Aldeia das Dez.

José Nunes Mendes, Aldeia das Dez.

José Nunes da Fonseca, Avelar.

Ernesto Martins Lourenço, Cimo da Ribeira.

D. Maria Olímpia Figueiredo, Aldeia das Dez.

D. Maria do Céu Garcia, Aldeia das Dez.

Com 20\$00 pagaram os Senhores:

Manuel Mendes da Costa, Moçambique.

Alfredo Mendes Abranches, Lisboa.

José Marques de Oliveira, Aldeia das Dez.

António Lourenço Júnior, Goulinho.

Artur Martins dos Santos, Goulinho.

Albertino Martins, Goulinho.

António Ferreira, Aldeia de Nogueira.

D. Maria Febrónia Abreu Oliveira, Penalva d'Alva.

D. Sofia Amélia da Silva, Lisboa.

Manuel Quintino da Silva, Pontinha

Silvério Lopes Castanheira, Lisboa.

José Abranches Dinis, Aldeia das Dez.

Manuel Castanheira, Gramaça,

José Tavares de Sousa Júnior, Porto de Móz.

António Luís Dias, Vale de Maceira.

Com 25\$00 pagaram os Senhores:

Artur Aires Mendes, S. Paulo.

Tito Veloso, África.

D. Maria Manuela Nobre, Coimbra.

D. Maria Preciosa Gil Nobre, Vide.

Com 30\$00 pagaram os Senhores:

José Carlos da Silva Oliveira, Lobito.

Joaquim Matias, Candosa.

Com 40\$00 pagou o Sr. José Freire de Castro, Vide-Malhada Cilhas e o sr. Adelino Dias Fontes, Coimbra.

Com 60\$00 o sr. António Domingues Marques, América do Norte.

A CONFISSÃO A Ceia do Senhor

(Continuado da página 1)

Por disciplina actual os pecados devem ser perdoados na confissão secreta e particular. As Celebrações Penitenciais são apenas obras meritórias que ajudam e preparam melhor os fiéis para a recepção do sacramento e por vezes simplificam a sua administração.

Para o perdão dos pecados veniais não é exigida nem necessária, a confissão desses pecados. Há diversos modos pe-

los quais se pode obter o seu perdão; por exemplo: o acto penitencial da Santa Missa, o acto de contrição, a recepção frutuosa dalguns sacramentos, etc.

Ao iniciarmos a Quaresma, em que por lei actual da Igreja é obrigatória nos católicos em pecado mortal a confissão dos seus pecados, procure cada um examinar a sua consciência, dispor a sua alma, para uma reconciliação perfeita e total com o Senhor.

(Continuado da página 2)

mos com uma palavra de bênção ou louvor: «Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo».

Devemos todos responder com entusiasmo e convicção.

c) Rito Penitencial

É um dos momentos importantes do princípio da Missa: Antes da celebração da Palavra e da Eucaristia, um acto de penitência. Já um livro talvez do século I, a Didakê, ao falar da Missa do domingo, escreve: «Em cada dia do Senhor, reunidos, parti o pão e dai graças, depois de confessados os vossos pecados, para que o vosso sacrificio seja puro. (Did. XIV, 1). De facto, não pode ter aceitação o sacrificio que não saia de um coração puro. Este rito não é uma simples cerimónia, é um acto, um acto de penitência ou de contrição. Na medida das nossas disposições ele nos obtém

o perdão do Senhor. A penitência pode manifestar-se de várias maneiras: ou se recita o *Confesso a Deus todo-poderoso...*, ou se recitam três versículos com a resposta *Senhor..., Cristo..., Senhor, tende piedade de nós* ou ainda se rezam dois versículos especiais com a sua resposta. O principal é que uma forma ou outra exprimam a nossa penitência. Em resposta, o presidente reza a *oração do perdão* ou de absolvição: *Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna*. A que todos respondem: *Amén*.

Na segunda forma, o *Senhor tende piedade de nós*, (antigo *Kyrie*) faz parte da resposta dos fiéis e, por isso, já se não reza depois. Nos outros casos, reza-se a seguir, mas o seu pensamento é a continuação do rito de penitência. *O Senhor, tende piedade...* poderia ser cantado, mesmo que faça parte do rito

penitencial. Neste caso, depois de cada invocação: *Senhor que viestes sarar os corações arrependidos..., etc.*, canta-se o *Senhor* ou *Cristo, tende piedade de nós*.

e) Oração

Todo este rito de entrada termina, como é normal, por um tempo de oração. O presidente convida-nos para ela com o convite tradicional: *Oremos*. Deve seguir-se um tempo de oração em silêncio. Este silêncio é muito importante. Parece que ainda não descobrimos a sua importância. Este silêncio é diferente do que vem antes, no rito da penitência. Agora trata-se de nos concentrarmos e rezarmos. Antes de celebrar a Palavra e a Eucaristia, sabe bem um momento de silêncio orante. Rezar por que intenção? A gente não reza só por intenção. Reza; reza pensando em Deus, e na vida diante de Deus, para O invocarmos e O louvamos. Não há palavras marcadas; cada um deixa falar o coração; e, se não sente nada para dizer, mostra ao Senhor essa secura de coração, para que Ele lho orvalhe com a luz da Sua Palavra e o aqueça com o calor do Seu Amor.

Normalmente não nos demoramos muito tempo; tudo depende de *cada comunidade*; mas, em si, mesmo, este tempo de silêncio deve educar no sentido da oração interior e poderia alongar-se um tanto, quando a comunidade o exigir.

Por fim, o presidente sintetiza a oração da assembleia. A sua oração tem um carácter mais genérico, mais essencial, mais comum. É na boca que a oração de todos encontra a sua ressonância, sem poder, evidentemente, focar a intenção particular de cada um. A oração presidencial é mais objectiva, quase sempre dirigida ao Pai pelo Filho no Espírito Santo, segundo a revelação que nos foi feita do mistério da vida da Trindade de Deus.

Uma das funções do presidente é precisamente formular a oração comunitária. Mas é por isso mesmo que ela é comunitária e todos nos devemos encontrar nela. Por ele, todos rezamos, e todos, por isso, somos chamados a rectificar no fim com a palavra de assentimento: *Amén*.

— Terminou o rito de entrada, podemos de alma aberta, acolher a palavra que vem ao nosso encontro.

DACTILÓGRAFO

Em teclado nacional e especializado nos «sistemas de contabilidade mecânica e por decalque «Eficex-Kienzle», pretende emprego compatível.

Dirigir a Fernando Manuel Pinheiro Mendes — Aldeia das Dez — Telef. 57219.

ANEDOTAS

O viajante dirige-se ao chefe da estação:

— Tenho de tomar o comboio que vem de Coimbra. Costuma ser regular?

— Oh! se costuma! Mais minuto, menos minuto, chega sempre aqui um quarto de hora atrasado.

— O cavalheiro faz o favor de me dizer onde encontrarei água para o radiador do meu automóvel?

— Em qualquer taberna, meu caro senhor. Basta pedir dois ou três litros de vinho.

Dizem Velhos Manuscritos

29.º — P.º ANTÓNIO ALVES MATOSO

Nasceu em 2 de Novembro de 1872 e foi baptizado em 25 de Dezembro seguinte.

Eram seus pais João Alves Matoso e D. Maria Rosa Alves e seus avós: pelo lado paterno, Manuel Alves e Guiomar e pela parte materna, António Bernardo e Maria Bárbara.

Era duma bondade extrema este sacerdote que, em Junho de 1900, a minha aldeia recebeu como pároco, tendo apenas 28 anos de idade. Alma simples, sincera e franca que, desde logo, conquistou imensas simpatias que dentro de pouco tempo se converteram em amizades.

Porém, a sua boa fé, quase atingindo a ingenuidade, levou-o a julgar os outros por si próprio.

Mas, a amargura de alguns desenganos que teve durante a época difícil que se seguiu a 5 de Outubro de 1910, veio provar-lhe quanto era errada esta forma de proceder.

Na verdade, as qualidades morais de que era possuidor, não eram compatíveis com a cegueira e o ódio sectário de 2 ou 3 dos seus paroquianos.

Passam os anos. A calma e o bom senso voltaram, de novo, aos espíritos; e, talvez porque o autor ou autores de calúnias postas a correr e de atentados praticados contra a liberdade se sentissem cansados, os insultos, as espionagens e as ameaças de morte, não mais se repetiram.

Assim, o P.º Matoso pôde tranquilamente continuar a paróquia a sua freguesia; até que, em Abril de 1927, decidiu retirar-se para Pisão, sua terra natal, onde veio a falecer em 22 de Outubro de 1951.

Até à nomeação do novo pároco, foi encarregado da freguesia o Vigário de Avô, P.º José Fernandes Ribeiro.

30.º — P.º ANTÓNIO RODRIGUES BARTOLOMEU

Era natural de Verdemilho, freguesia de Aradas no concelho de Aveiro.

Ali nasceu em 6 de Outubro de 1890, sendo baptizado em 15 do mesmo mês.

Era filho de Manuel Gonçalves Bartolomeu e de Maria de Jesus; e neto, pelo lado paterno, de Manuel Gonçalves Bartolomeu e de Joana Gonçalves e pela parte materna de José Rodrigues Ferreira da Rocha e de Ana Maria de Jesus.

Estudou no seminário de Coimbra, onde se ordenou em 1914.

Em Setembro de 1928, foi nomeado pároco da freguesia de Aldeia das Dez, encargo que desempenhou até Setembro de 1930.

Entretanto, em 1938, é restaurada a diocese de Aveiro e o P.º Bartolomeu, pela bula de 11 de Dezembro, desse ano, é encarregado naquela diocese.

Tanto era o seu merecimento que foi nomeado professor do Seminário da nova diocese, função que desempenhou até à sua morte ocorrida a 15 de Dezembro de 1958.

A partir de Setembro de 1930, foi encarregado da freguesia, como pároco encomendado o pároco do Piódão, P.º Júlio de Azevedo Nogueira que desempenhou estas funções até Novembro de 1931.

31.º — P.º JOAQUIM SIMÕES FARINHA

Não me foi possível, até hoje, saber a naturalidade deste sacerdote.

Foi nomeado pároco da freguesia, em 29 de Novembro de 1931, cargo que exerceu até Setembro de 1940.

32.º — P.º MÁRIO OLIVEIRA DE BRITO

Nasceu em S. Romão, a 4 de Novembro de 1905, baptizado e criado em S. Gião. É filho de António Ferreira de Brito e de D. Rita Emília.

Por decreto de 30 de Agosto de 1940 foi, em 21 de Setembro seguinte, nomeado pároco de Aldeia das Dez, cargo que ainda hoje exerce.

A seu respeito muito havia que dizer, tão grande e benéfica tem sido a acção desenvolvida ao longo de quase 20 anos que a Obra social, por ele fundada, tem já.

Mas, porque temo ferir a sua modéstia, julgo preferível que as muitas centenas de crianças beneficiadas e, sobretudo, seus pais tenham uma palavra de muita gratidão e justiça para tão desvelado benfeitor; não que ele trabalhasse para receber recompensas, mas porque são belos, nobres e sublimes estes sentimentos que em todo o coração humano devem existir. Lembremo-nos que Jesus perguntou a um dos dez leprosos que Lhe foi agradecer a sua cura: porque não estavam com ele os restantes nove?... Não ficaram limpos os dez?

ABONO DE FAMÍLIA À MESA DO CAFÉ

Está na ordem do dia a concessão de abono de família aos trabalhadores rurais, isto é, aos homens e mulheres que trabalham no campo.

Vem tarde de mais, pois se tivesse vindo há uma dúzia de anos antes, talvez se evitasse um pouco o êxodo das populações serranas, talvez se conseguisse que muitos trabalhadores ficassem nas suas terras a amanhã as suas leiras e a ajudar os outros.

Mas enfim, vale mais tarde do que nunca.

Achamos que é de inteira justiça. Se os da cidade têm tantas garantias e regalias, é justo que os das aldeias também sejam gente.

Quanto ao modo de fazer as coisas, parece-nos que o problema não foi visto de harmonia com as realidades da vida.

Nas freguesias onde há Casas do Povo, a papelada corre sem dificuldade alguma.

Onde não há Casas do Povo a coisa é mais complicada.

É ponto assente que todas as entidades patronais — os patrões — são obrigados a entregar, do dia 1 ao dia 10 de cada mês, as folhas de trabalho e respectivas contribuições em dinheiro.

Ora uma deslocação de Aldeia das Dez a Oliveira do Hospital representa uma caminhada de 24 quilómetros. Não é brincadeira. Obriga a perdas de tempo e a despesas que vêm sobrecarregar os proprietários que já estão aflitos e a braços com outras despesas e encargos e a

verem as suas propriedades cada vez a renderem menos.

O trabalhador é também obrigado a ir entregar as folhas dos dias que fez e também dentro dos mesmos prazos.

Ora, os que vivem longe de Oliveira do Hospital têm de perder um dia para ir entregar as folhas e outro para ir receber o abono.

Quer dizer: feitas as contas, metade dos abonos ficam pelos caminhos (e certamente também pelas tabernas...).

Parece que se deveria encarar o problema no sentido de facilitar, de se ajudar os trabalhadores e patrões no desempenho das suas novas obrigações e não de lhes fazer mais cara a vida.

Assim, seria de maior conveniência que a Caixa de Previdência conseguisse que houvesse em cada sede de freguesia uma entidade, ou instituição, particular ou oficial, que servisse de delegação administrativa, ou agência, onde patrões e trabalhadores, pudessem entregar as folhas de trabalho e o mais que é preciso.

Obrigam uns e outros a grandes deslocações, caminhadas, perdas de dias e despesas, é fazer com que muitos patrões se retraiam e até que os próprios interessados se desinteressem e não se consigam os fins em vista, que é beneficiar os trabalhadores rurais.

Isto, já se vê, é uma sugestão que é ditada pela própria experiência e que talvez merecesse ser estudada a bem de todos.

— Eh pá! Já ouviste o clarim?

— O clarim?! aquela coisa de lavar?

— Não homem... O que vem no jornal.

— O quê?! um clarim no jornal?!

— Sim homem. Diz que está a tocar a reunir, não é para lavar, é para dar dinheiro pró relógio da torre...

— Ah! agora já entendo, pá.

O homem toca o clarim para todos ouvirem, para todos acordarem, para todos abrirem a carteira, para todos darem uma ajuda. Pois assim está bem.

— Eu quero agora ver quem são os bairristas. Aposto que alguns são capazes de se chegarem a traz.

— Bem, garganta há muita. Há praí pessoas que falam, falam porque é que o relógio não dá horas, que são todos uns encolhidos. Mas quando lhes batem à porta...

— Mas agora a coisa parece que vai.

Até já está nomeada uma comissão e até já alguns deram dinheiro.

— Pois, sem dinheiro não se arranja nada. Mas não julgues que com 5\$00 ou 10\$00 que dê, que a coisa vai ao fim.

— Pra quanto irá o relógio? inda é capaz de ir para uns pares de contos...

— Falam em 20 contos pelo menos.

— Bem, se todos os moradores dessem à razão de 50\$00...

— E porque é que não hão-de dar?

É um dia de trabalho e há muitos que ganham muito mais do que 50 e às vezes gastam-no mais mal gasto.

O relógio serve para de dia e para de noite. E sempre é bonito, pois então!

— Os de Lisboa também darão?

— Isso nem se pergunta, pois sem a ajuda deles não era possível arranjar os tais 20 contos.

É preciso que todos dêm: os de cá de toda a freguesia; os de Lisboa e há lá bastantes que podem dar uma ajuda boa; os de África, os do Brasil, e todos quantos andam por esse mundo fora.

— Eh pá e quem é que lhes vai pedir?

— Pedis?! isso hoje já se não usa que os homens vão à lua!...

Não senhor, agora já se não pede. Agora lembra-se a todos a necessidade do relógio. Para isso lá está o clarim a tocar.

Lembra-se a todos a conveniência de todos darem. Para isso lá está o clarim a tocar a reunir amigos e dinheiro.

— És formidável pá...

— Pois é. Claro que só falta o clarim tocar a abrir carteiras e a mandar dinheiro para cá.

— Olha lá, ouvi dizer que lá para o mês de Março ou Abril vão a Lisboa.

— Pois é boa ideia, pá. Claro que não é pedir... é fazer visitas a amigos, apalpar-lhes o pulso e ver se têm febre ardente de ver melhoramentos na sua terra.

— Eh pá, olha que ninguém quer ficar atrás. Tu vais ver que a coisa vai.

— Pois claro que vai. Lá para o S. Bartolomeu, se não for antes, temos relógio novo.

— Eh pá, à saúde do relógio manda vir um café e um bagoço.

Recordando o antigo

(Continuado na página um)

Por vontade expressa dos Superiores, estava eu então encarregado de dar aos seminaristas instrução, correcção, vigilância e bom exemplo. Foi daí que veio a amizade com que tenho acompanhado, de perto ou de longe, a sua vida sacerdotal e pastoral. E foi essa circunstância que me fez colaborar com ele no movimento exercido pela *Voz do Santuário*.

Há dias, ao remexer papéis antigos, descobri apontamentos de pequenos colóquios que mantinha com os seminaristas desse tempo e de tempo posterior.

Pois não é que me veio a ideia de levar à *Voz do Santuário* pequenos retalhos da doutrina apresentada aos seminaristas, que não deixaria de ser proveitosa também aos que o não são?

Assim podem os leitores da *Voz do Santuário* fazer ideia do alimento dado a estes rapazes, com preparação para a vida de apostolado que hoje exercem, outros nunca exerceram, e outros

exerceram, mas já a morte os levou.

Estes retalhos, antes de descerem ao cesto dos papéis rasgados, ainda vão talvez acordar em algumas inteligências e em alguns corações, ensinamentos que não podem fazer mal a ninguém.

No dia 23 de Outubro de 1931 (tinha o Padre Mário Brito terminado o curso em Junho do ano anterior, e estava menino e moço com um ano e pouco de sacerdotício) os alunos foram convidados a ficar a sua atenção, em quatro pensamentos, que lhes serviram de matéria de reflexão. Já lá vão 41 anos!

1.º — *Bendito seja Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, Pai das misericórdias, Deus de toda a consolação que nos consola em todas as nossas tribulações.* Este pensamento é de S. Paulo.

2.º — *O Senhor é grande e digno de todo o louvor; das trevas dos gentios chamou Agostinho para luz da sua Igreja.* Este pensamento é da Igreja,

adaptado à festa da Conversão de Santo Agostinho.

3.º — *É duro para ti recalçar contra o agulhão.* A resistência à graça, fruto do orgulho humano é uma das forças que mais comprometem a salvação, e podem destruir os frutos da redenção.

4.º — *Que quereis que eu faça, Senhor? — Levanta-te, entra na cidade e lá te será dito o que eu quero que faças.*

Este pensamento, assim como os pensamentos anteriores, reproduzem a conversa de Jesus com Paulo, perseguidor dos cristãos. Dessa conversa resultou, em toda a sua plenitude, a conversão de S. Paulo.

Não é possível recordar ao certo a finalidade próxima do assunto deste objecto de meditação.

É lícito concluir: que a vocação à graça vem da misericórdia de Deus; que se pode resistir a ela; que é perigoso desprezar a voz de Deus.

P.º AMADO

SENHORES ASSINANTES

Saibam todos quantos estas linhas lerem que muitos assinantes andam esquecidos de pagar o jornal. Não será por mal, mas por bem é que não é. Nem o toque da campainha, nem *Zé Pereira*, nem zabumba algum, os faz acordar e quando lhes dá na real gana devolvem sem pagar.

Bem isso hoje já não se deve usar. Fala-se muito em promoção social, alto nível de vida, em maioridade de adultos e em outras frases modernas e lindas e por isso já não deve haver lugar para caloteirices.

Hoje é chique e bonito puxar pela carteira, tirar as notas e cumprir a obrigação, pagar o jornal a quem trabalha.

Já aqui se disse como é: pega-se num envelope põe-se a direcção da *Voz do Santuário* metem-se-lhe dentro as notas

de 20\$00, ou de 50, ou de 100\$00 e mandam para cá.

Alguns assinantes mudam de residência e não avisam, outros pedem para mandar para a nova morada e não dizem o número da morada velha.

Não esqueçam de indicar sempre o número da zona de Lisboa.

Precisamos de dinheiro e na carteira dos presados assinantes, não faz bem à gente.

Os senhores sabem quantos são os mandamentos da *Voz do Santuário*?

São três (que é a conta que Deus fez):

1.º — Assinar,

2.º — Pagar

3.º — Ler.

Estes três encerram-se num: fazer propaganda da Senhora das Preces

QUANDO E ONDE APARECEU NOSSA SENHORA DAS PRECES

(Continuado da página um)

Fica do lado do norte, virado para o Chão Sobral, um pouco abaixo a menos de cem metros do cruzeiro.

É pois ponto assente que a Nossa Senhora das Preces apareceu a uns pastorinhos, lá em cima no monte do Colcurinho, por isso chamado o monte sagrado das Beiras.

Completam-se este ano seis séculos (seiscentos anos) que a Nossa Senhora se dignou descer à terra portuguesa, escolhendo o monte do Colcurinho para dali espalhar as suas graças e bênçãos e para ali atender as súplicas dos seus filhos.

Peregrinos de Nossa Senhora, romeiros das alturas! O Colcurinho é terra sagrada, ali poisaram os pés da nossa querida Mãe do Céu.